

Capas de folhetos de cordel: um universo folkcomunicação entre tradição e mudança¹

Elcio Loureiro Cornelsen
Universidade Federal de Minas Gerais
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq

RESUMO

Nosso estudo visa a contribuir para o debate sobre a relação entre tradição e mudança no universo folkcomunicação da literatura de cordel, tendo por foco capas de folhetos. Se, em folhetos do início do século XX, era comum as capas exibirem poucas informações e não possuírem ilustrações, na chamada “época de ouro”, iniciada nos anos 1920, estas passaram a ser uma de suas marcas, seja com clichês, desenhos ou, sobretudo, xilogravuras. Entretanto, esse universo da cultura popular também foi atingido, nas últimas décadas, por mudanças oriundas da cibercultura, em que plataformas virtuais veiculam novos poemas de cordel sem qualquer ilustração.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação; Literatura de Cordel; Xilogravura; Cultura Popular; Cibercultura.

INTRODUÇÃO²

Em seu parecer sobre a documentação integrante do Processo N. 01450.008598/2010-20, referente ao pedido de registro da literatura de cordel como patrimônio cultural brasileiro, formalizado pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o historiador Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses (2019, p. 230) ressalta sua “força como meio de comunicação”. A partir dos anos 1980, passou-se a considerar, cada vez mais, a literatura de cordel na chave dos postulados propostos por Luiz Beltrão enquanto “folkcomunicação”, definida pelo pioneiro nos estudos da comunicação popular como “um mecanismo de comunicação adaptado a demandas locais e receptores de classes menos favorecidas” (BELTRÃO, 1980, p. 40).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Folkcomunicação, Mídia, Cultura Popular e Cultura Underground (GT13NO), evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² O presente estudo é parte da pesquisa intitulada “Literatura de Cordel e Futebol: encontro de duas artes populares”, desenvolvida com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que se encontra em andamento e tem previsão de ser concluída em julho de 2026.

No presente estudo, ater-nos-emos a aspectos específicos desse universo folkcomunicação da literatura de cordel: suas capas, vistas a partir da relação entre tradição e mudança, dos primórdios à era da cibercultura. Para isso, tomaremos por fontes folhetos disponibilizados nos acervos digitais do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), da Casa de Rui Barbosa, e, respectivamente, da Biblioteca Virtual Cordel (BVC), da Université de Poitiers, que contém o “Acervo Raymond Cantel”.

Por sua vez, para fundamentar nosso estudo, dentre outros, tomaremos por base postulados propostos por Luiz Beltrão, Antonio Fernando Costella, Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, Rosilene Alves de Melo, Edilene Dias Matos, Lucy Regina Costa, Osvaldo Meira Trigueiro e Ed Porto Bezerra.

CAPAS DE FOLHETOS NOS PRIMÓRDIOS DA LITERATURA DE CORDEL

Quando lidamos com capas de folhetos de cordel, temos de ter em mente que, como bem aponta Rosilene Alves de Melo (2019, p. 73-74), sua difusão ampliou-se sobremaneira no início do século XX, muito por conta da diminuição dos custos de produção, o que levou a um crescimento das vendas, além da instalação de malhas ferroviárias que possibilitavam sua distribuição. Tratava-se de algo adequado à visão de Luiz Beltrão sobre a “folkcomunicação” em termos de recorte social, pois “indivíduos pobres, sem escolaridade, se tornavam poetas e editores de prestígio social em suas comunidades” (MELO, 2019, p. 74). Surgiam, assim, disputas pelo mercado, bem como preocupações com os direitos de propriedade dos poemas de cordel, algo que se refletiu também na composição de suas capas.

De acordo com Edilene Dias Matos (2007, p. 159), “[a] gravura popular brasileira apareceu com as primeiras manifestações do cordel, o qual, por sua vez, é consequência do surgimento das primeiras tipografias no interior do país”. Nesse cenário, despontavam nomes como os de Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde. Originalmente, as capas dos folhetos eram em papel manilha com variações cromáticas, “com ausência do clichê de zinco ou de madeira, eram denominados folhetos ‘sem capa’ ou folhetos de ‘capa cega’, apenas trazendo o título do trabalho, o nome do autor e, vez ou outra, uma vinheta” (MATOS, 2007, p. 159-160), sendo que,

sua função “não ia além da simples tarefa de identificação do exemplar”. A seguinte capa (Fig. 1) ilustra bem os procedimentos dessa época:



Fig. 1 – Capa de folheto de Leandro Gomes de Barros, publicado em 1906
(Fonte: www.casaruibarbosa.gov.br)

Devemos considerar que as capas passaram a integrar o conjunto de estratégias que poetas populares e/ou folheteiros adotaram para divulgar os folhetos. Nesse sentido, poderíamos falar também dos primórdios do “folkmarketing” em relação à literatura de cordel, que logo se aperfeiçoaria ainda mais, quando as capas passaram a ser ilustradas de diversas maneiras.

CAPAS DE FOLHETOS A PARTIR DA “ÉPOCA DE OURO” DA LITERATURA DE CORDEL

Em geral, aponta-se a “época de ouro” (MENESES, 2019, p. 229) da literatura de cordel como sendo o período entre as décadas de 1920 e 1950. Foi nessa fase que as capas dos folhetos tornaram-se mais sofisticadas, pois passaram a ser ilustradas com clichês, desenhos e xilogravuras. Segundo Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses (2019, p. 236), “as figuras das capas surgiram com funções dêiticas, isto é, a missão de atrair a atenção para fora de si, remetendo ao entrecho, tornando identificáveis à primeira vista (e vista aqui no sentido visual próprio) personagens, ações e suas consequências”. O Cinema, cujo alcance se ampliou significativamente naquele período, ensejou o emprego de clichês em capas de folhetos, reproduzindo rostos de atores famosos. Esse é o caso do folheto *Os amôres de Chiquinha e as bravuras de Apolinário*, de Joaquim

Batista de Sena (Fig. 2), ilustrada pelas imagens dos atores Clark Gable e Vivien Leigh no filme clássico *Gone with the Wind* (1939; *E o vento levou*):



Fig. 2 – Capa do folheto de Joaquim Batista de Sena
(fonte: Biblioteca Virtual Cordel; <https://cordel.edel.univ-poitiers.fr/items/show/312>)

Assim, atrelava-se, visualmente, os ídolos do cinema aos protagonistas do folheto, Chiquinha e Apolinário. Além dos clichês, outra estratégia adotada para ilustrar as capas dos folhetos foi o desenho, conforme atesta a capa de *O filho que chutou a mãe e o pé ficou redondo* (1978), do cordelista Alípio Bispo dos Santos (Fig. 3):

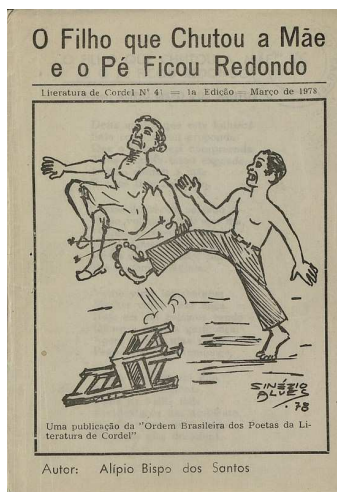


Fig. 3 – Capa do folheto de Alípio Bispo dos Santos,
contendo a ilustração assinada por Sinézio Alves
(fonte: Biblioteca Virtual Cordel; <https://cordel.edel.univ-poitiers.fr/items/show/205>)

Todavia, na “época de ouro” da literatura de cordel a xilogravura se tornaria sua marca registrada em termos de ilustração das capas. De acordo com Fernando Antonio Costella, foram questões de custo e logística que levaram à opção pela xilogravura ao

invés dos clichês metálicos de impressão, já existentes, uma vez que “seu emprego no sertão era problemático, pois precisava ser encomendado às clichérias, e estas eram encontradas somente nas cidades grandes, distantes” (COSTELLA, 2016, p. 60). Segundo o fundador e diretor do Museu Casa da Xilogravura, sediada em Campos do Jordão, “os modestos folhetos de cordel encontraram na xilografia um recurso de ilustração que revelou-se acessível, barato e eficiente para enriquecer-lhes as capas, e, encomendando matrizes durante décadas, estimularam a formação de uma plêiade de xilógrafos populares” (COSTELLA, 2016, p. 60). Desse modo, o entalhe em madeiras maleáveis como a umburana tornou-se o ofício e a arte de verdadeiros Mestres, como J. Borges, Dila (José Soares da Silva) e José Costa Leite. A título de exemplo, tomemos a capa do folheto *O boi de sete chifres* (1978), de Rodolfo Coelho Cavalcante (Fig. 4):



Fig. 4 – Capa do folheto de Rodolfo Coelho Cavalcante, contendo a xilogravura assinada pelo Mestre Dila (fonte: <https://cordel.edel.univ-poitiers.fr/items/show/342>)

Com suas xilogravuras, segundo o pesquisador cearense Gilmar de Carvalho, os artistas criaram “as bases de um design popular e sertanejo” (COSTELLA, 2016, p. 62).

A LITERATURA DE CORDEL NA ERA DA CIBERCULTURA

Por fim, se, por um lado, “o cordel não poderia deixar de se contagiar pelas tecnologias do virtual” (MENESES, 2019, p. 238), por outro, um de seus meios artesanais deixou de ser explorado em plataformas digitais de publicação e compartilhamento de novos poemas: as ilustrações dos folhetos. Exemplo patente disso é a plataforma *Recanto das Letras* (<https://www.recantodasletras.com.br/cordel/>), em

cujas abas intituladas “Cordel” são exibidos vários poemas que, em sua maioria, não seguem todas as características tradicionais da poesia popular: estrofação, métrica, rima, número de estrofes determinando o eixo temático e a paginação, ilustração de capa etc. Corroboramos a opinião de Lucy Regina Costa, Osvaldo Meira Trigueiro e Ed Porto Bezerra (2009, p. 10) ao considerarem que espaços digitais como o do *Recanto das Letras* podem figurar “como uma espécie de ativista ciberespacial, pois cabe justamente a ele fornecer o espaço para que essa mediação ocorra”.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O estudo das capas de folhetos de cordel nos possibilitou uma abordagem histórica frente a tradições e mudanças sofridas desde seus primórdios até os dias atuais em termos de ilustração. Sem dúvida, na era da cibercultura, estamos diante de um fenômeno que, por um lado, interfere nas produções populares e, por outro, amplia sensivelmente sua divulgação. Trata-se de algo que merece um estudo aprofundado, para avaliarmos a relação entre perdas e ganhos em termos de folkcomunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- COSTA, Lucy Regina; TRIGUEIRO, Osvaldo Meira; BEZERRA, Ed Porto. Folkcomunicação e cibercultura: os agentes populares na era digital. **RIF – Revista Internacional de Folkcomunicação**. v. 7, n. 14, p. 1-12, 2009. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18742/209209214677> . Acesso em: 22 ago. 2024.
- COSTELLA, Antonio Fernando. **Breve história ilustrada da xilogravura**. Campos de Jordão, SP: Ed. Mantiqueira, 2016.
- MATOS, Edilene Dias. Literatura de cordel: a escuta de uma voz poética. **Habitus**. Goiânia, v. 5, n. 1, p. 149-167, 2007. DOI: <https://doi.org/10.18224/hab.v5.1.2007.149-167>
- MELO, Rosilene Alves de. Literatura de Cordel: conceitos, intelectuais, arquivos. **Projeto História**. São Paulo, v. 65, p. 66-99, maio-ago./2019. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2019v65p66-99>
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A literatura de cordel como patrimônio cultural. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. Brasil, n. 72, p.225-244, abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i72p225-244>